

2012 +

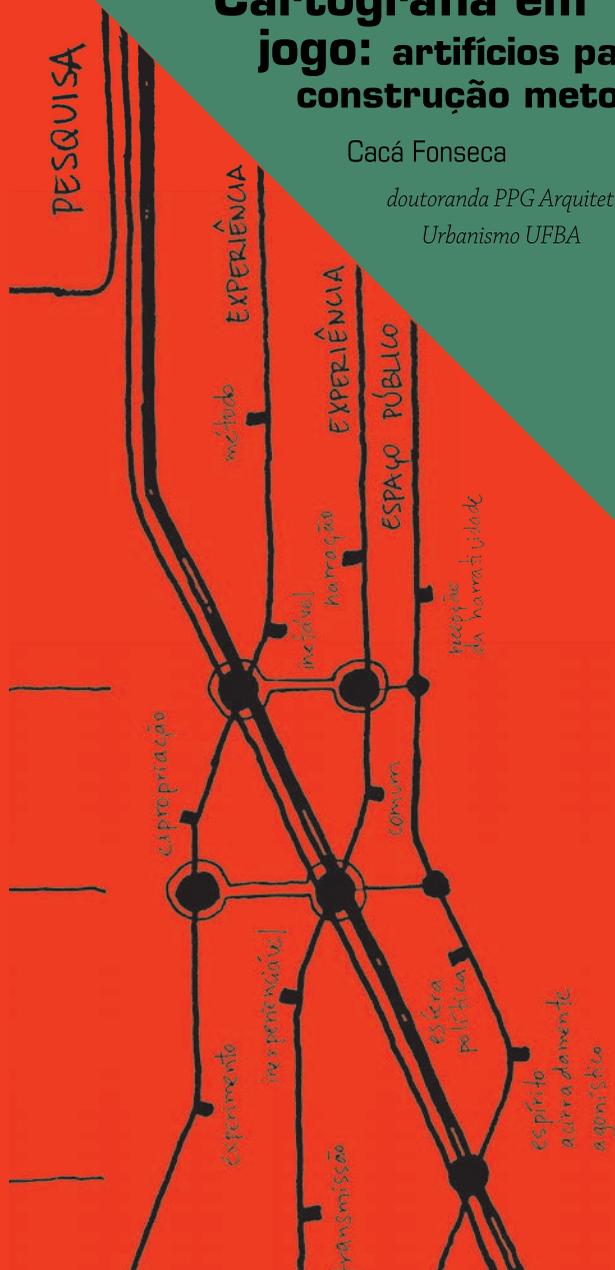


Cartografia em jogo: artifícios para uma construção metodológica

Cacá Fonseca

doutoranda PPG Arquitetura e

Urbanismo UFBA



Por hoje é só.

OBRA parida com a mesma incessante

INCOMPLETUDE.

Sempre tendente a ser outra coisa. Carente de ser

Mais.

Sob o signo do ou.

O U.

Transbordar, pintar e bordar, romper as amarras,
Soltar-se das margens, desbordar, ultrapassar as bordas,
Transmudar-se, não resta sendo si-mesmo, virar ou-tros
seres. Móbil.

OBRAS DA INCOMPLETUDE

De qualquer modo intento deixar algumas

BROCAS no muro do mundo: esta é uma
arquetípica ficção-consolo dum intempestivo.

O U

Pois que ou-tra alternativa há senão convocar as
tropas do exército de virtualidades do duo vocálico

O U?

Cobra que muda de pele. E se embrulha em duas
vogais para fazer a travessia do rio a vau. Vadear.

O U

Sob o signo de **PROTEU** vencerás.

Quem é este Proteu intrometido a dentro pra
vadiar?

BANCO DE DADOS:

Proteu: mitologia grega: deus marinho
recebera de seu pai, Posêidon, o dom da profecia e
a capacidade de se metamodesejar, o poder de
variar de forma a seu bel prazer.

Sob o signo de **PROTEU** vencerás.

Por cima do cotidiano estéril
de horrível fixidez
carenta demais

Que máximo prazer, ser ou
tros constantemente.

... Passageiros ... nossa próxima estação ...

LER COM OLHO-FÓSSIL

OU

LER COM OLHO-MÍSSIL

(SALOMÃO, 2008, p. 9- 10)

INTRODUÇÃO

A lógica da incompletude anula a pretensão de representar algo da esfera do real e converte a escrita num gesto criador de mundos. Deflagra um campo de possibilidades entre tantas outras e, desdobra-se num ato de leitura avesso à interpretação. Leitura como re-invenção de mundos escritos. As ideias em jogo neste texto narram a concepção metodológica da dissertação intitulada *Esquivas¹ entre Forte de Santo Antônio e Forte da Capoeira: uma cartografia sobre espetáculo e resistência em Salvador*. Uma narrativa afeita à incompletude relacionada às inúmeras configurações de um território - o Forte de Santo Antônio Além do Carmo; de uma prática - a capoeira; e de uma ação - cartografar.

A narrativa escapa à linearidade cronológica e pretende instaurar um fluxo turbilhonar de histórias, paisagens, personagens, afetos, conceitos e autores. Estas matérias de expressão emergem de um ato cartográfico esboçado a partir da aproximação do campo de forças delineado pela relação entre Forte-capoeira-urbanismo.

As aproximações procedem por um “estado de espírito alegre”, conforme nos sugere Wills (1972). Um modo de vida imbricado no trabalho intelectual, desdobrando-se na ideia do “artesão intelectual”. Artesão cujo ofício pressupõe regras básicas para operar conceitos, contextos, arquivos e registros. Artíficos para a criação de leituras- hipóteses sobre o assunto abordado e para a experiência da pesquisa em questão.

Estes artifícios não funcionam tal como um método rígido, concebido à priori, mas emergem de um engajamento artesanal adepto às ligações imprevistas e não planejadas imanentes à vida. Realizam-se a partir de uma imaginação criadora de relações e de sentidos correlatos à vida do artesão, à medida que as experiências engendradas na esfera cotidiana e os dispositivos acionados na ação de pesquisar resignificam-se mutuamente.

Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas [...]. O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Ela (a antropofagia) se caracteriza pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias. (ROLNIK, 2006, p. 19- 65)

Esta narrativa aspira “dar língua” às múltiplas configurações assumidas pela capoeira no Forte, pelo Forte e pela capoeira em diferentes espaço-tempo, pela capoeira noutros territórios, enfim, pelas diversas matérias de expressão cunhadas a partir das relações neste campo de forças. Para tanto, apropria-se dos documentos urbanísticos e patrimoniais sobre o Forte, bem como das inúmeras rodas de capoeira ali vivenciadas, dos trajetos de ônibus e de pedestre para acessá-lo, das abordagens históricas, literárias e jornalísticas sobre a capoeira, dos teóricos geógrafos, urbanistas, filósofos e sociólogos; e dos relatos de mestres, estudiosos, políticos, entre outros agentes importantes no processo de ocupação do Forte desde 1982.

NARRATIVA COMO JOGO: transvalorar> ferramentas e ficção

Jogos fazem-se com cartas, dados, movimentos, dedos, ataques, defesas, tabuleiros, estratégias, tempos, alvos, cordas, elástico, papel, formas, corpos, palavras, adivinhações, fábulas, mistérios, enigmas, e etc. Estes elementos por si só não configuram um jogo, mas ao serem

metodológica experimental. Os movimentos da capoeira foram expropriados de seu contexto eminentemente corpóreo, transvalorados em ferramentas conceituais e metodológicas e incorporados na narrativa, de forma a criar um ritmo, uma imagem e uma sensação corporal no leitor. Criou-se um tipo de jogo, cujas regras referenciam-se no repertório corporal da capoeira, e cujos elementos foram produzidos ao longo da investigação do processo de ocupação do Forte do Santo Antônio Além do Carmo desde 1982.

O jogo da capoeira não contém regras absolutas, já que sua definição está condicionada a inúmeras variáveis a depender do mestre, da vertente, do período histórico, entre outros condicionantes. As regras dos jogos de capoeira no Rio de Janeiro colonial e escravista do século XIX são absolutamente diferentes das regras dos jogos de capoeira ensaiados para um show folclórico no Teatro Castro Alves, em Salvador, por volta de 1960; que por sua vez, distinguem-se sobremaneira das regras dos atuais jogos de capoeira de rua realizados diariamente no Terreiro de Jesus como atração turística e atividade profissional; que se diferem ainda das regras dos jogos de capoeira angola

praticados no CECA e no GCAP² no Forte de Santo Antônio Além do Carmo, que inclusive apresentam variações entre si.

A tensão produzida diante de tantas variações é potencializadora da improvisação, mas algumas vezes, é capaz de produzir rupturas e descompassos que inviabilizam o prosseguimento do jogo, tamanha a divergência dos tempos, dos movimentos e dos modos de atacar e defender. As regras não estão explícitas, não são mencionadas antes do início da roda e sua incorporação é um lento processo. Para sabê-las é preciso adentrar a roda, experienciá-la, deparar-se com os imprevistos e de sobreaviso criar os recursos próprios para lidar com o inesperado.

No caso deste trabalho, o imprevisto é a inviabilidade de adentrarmos uma roda corporalmente, entretanto, é possível que os interlocutores destas reflexões tenham um imaginário prévio acerca da capoeira, das imagens que se formam no jogo quando os corpos entram em ação, da sonoridade do berimbau, das expressões de um mestre. Ou se perceberem um descompasso com relação a alguma situação proposta na

HANNAH ARENDT: Segundo Coulanges, todas as palavras gregas e latinas que exprimem algum tipo de **governo** de um homem sobre os outros, como *rex, pater, anax, basileus*, referiam-se originalmente a relações familiares e eram nomes que os escravos davam a seus senhores. [...] A esfera da *polis*, ao contrário, era a esfera da liberdade, e se havia uma relação entre essas duas esferas era que a vitória sobre as necessidades da vida em família

constituía a condição natural para a liberdade na *polis*. [...] O que todos os filósofos gregos tinham como certo, por mais que se opusessem à vida na *polis*, é que a **liberdade** situa-se exclusivamente na **esfera política**; que a necessidade é primordialmente um fenômeno pré-político, característico da organização do lar privado; e que a força e a violência são justificadas nesta última esfera por serem os únicos meios de vencer

a necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – e alcançar a liberdade. [...] a violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

narrativa, podem lidar com este inesperado, usando ferramentas próprias, criar outros modos de encaixarem-se nestes movimentos e de provocarem visualmente sua imaginação criadora.

[ARTIFÍCIO CARTOGRÁFICO I] movimentos e instauração dos territórios investigativos

Um capoeirista em ação elabora incessantemente sua movimentação no jogo e define formas, alturas, inclinações, dobras, posições; ritmos, acelerados, lentos, contínuos, quebrados, descompassados; espaços ocupados e desocupados, espaços para aproximação ou afastamento. A intenção do golpe é certa, e a partir das articulações entre forma, ritmo e espaço, agenciados pelo corpo espreita-se um pé, um rosto, um tronco suscetível ao ataque. Adentra-se nas brechas das formas definidas pelo corpo do outro jogador, como uma engrenagem em que as peças vão encaixando-se e desencaixando-se numa sequência ininterrupta e rítmica.

A ideia do encaixe e desencaixe entre corpos, de um encadeamento de movimentos codeterminados pela relação que se coloca entre espaço-tempo foi

apropriada como ferramenta metodológica. O (des)encaixe é uma estratégia relativa tanto ao modo de combinar, articular e tencionar reflexões urbanísticas- históricas- políticas- sociais, como o modo de criar relações com o leitor. Em alguns momentos do jogo, é preciso encontrar modos próprios de encaixar determinadas relações, ou encaixar-se corporalmente e imaginariamente nos movimentos propostos, dada a natureza fragmentada e lacunar desta narrativa cartográfica.

Observa-se nestas relações, a emergência de um campo de forças específico, espacializado pela roda, no instante presente do jogo. No caso da roda, campo de forças e território estão absolutamente implicados um sobre o outro. Entretanto, um mesmo campo de forças pode engendrar-se em diferentes territórios, em espaços descontínuos, até mesmo simultaneamente. O campo de forças definido pelo processo de transição do Forte de Santo Antônio Além do Carmo para o Forte da Capoeira extrapola os limites do território forte. Trata-se de uma complexa trama relacional, em que os vetores de forças atravessam constantemente o Forte e espraiam-se por outros territórios,

CACÁ FONSECA: Entendo que temos alguns problemas para nos apropriarmos das noções de Arendt em função da diferença de contextos. No início do texto, a autora dá especial atenção para a noção de ambiente, enquanto artefato humano. A noção de lei em Roma significava o espaço entre as propriedades, elas sequer poderiam dividir o mesmo muro. A

lei é o que ligaria as propriedades, e que constituiria a própria cidade. A lei não poderia jamais regular a propriedade, que estaria no lugar do próprio. E se observamos hoje como vivemos nas cidades, não só dividimos o mesmo muro, como a mesma laje. E como fica essa noção de lei e de cidade?

HANNAH ARENDT: A palavra *polis* tinha originalmente a conotação de *ago* como muro circundante e, ao que parece, o latim *urbis* exprimia também a noção de um círculo e derivava da mesma raiz que *orbis*. Encontramos a mesma relação na palavra inglesa *town* que, originalmente, como o alemão *zaum*, significava cerca.

FERNANDO FERNANZ: O conceito de cidade pelo lugar do discurso... que é a propriedade. É um espaço que se produz a singularidade e a existência. É o caráter singular que fica (materialidade), a família, o muro. O conceito é o lugar da urbis, da urbis, da existência e da cidade. A existência como um espaço de existência de morar, que se dá no âmbito do social.

HANNAH ARENDT: Segundo Canguilhem, trata-se de um espaço de governo de um homem sobre os outros, como nos países ocidentais. Basicamente, refere-se ao arranjo das relações familiares e entre outros que se encontram dentro e fora do território. (...) A urbis da urbis, ou território, era a urbis da Morfologia, e se havia uma relação entre essas duas urbis era que a urbis sobre os necessitados de vida em família.

HANNAH ARENDT: O conceito de cidade é o mesmo que o de governo de um homem sobre os outros, como nos países ocidentais. Basicamente, refere-se ao arranjo das relações familiares e entre outros que se encontram dentro e fora do território. (...) A urbis da urbis, ou território, era a urbis da Morfologia, e se havia uma relação entre essas duas urbis era que a urbis sobre os necessitados de vida em família.

FERNANDO FERNANZ: Trata-se de uma visão recorrente sobre o trabalho de Arendt, que é caracterizada como uma aproximação da política, uma interpretação "logos comuna" sobre a urbis. Não se trata de uma

HANNAH ARENDT: O conceito de cidade é o mesmo que o de governo de um homem sobre os outros, como nos países ocidentais. Basicamente, refere-se ao arranjo das relações familiares e entre outros que se encontram dentro e fora do território. (...) A urbis da urbis, ou território, era a urbis da Morfologia, e se havia uma relação entre essas duas urbis era que a urbis sobre os necessitados de vida em família.

tencionam relações espacializadas na cidade, noutras rodas, em instituições do governo nas esferas municipal, estadual e federal, entre outros territórios.

Como estratégia metodológica, percorre-se na narrativa cartográfica três territórios implicados neste campo de forças: a roda de capoeira, o Forte de Santo Antônio Além do Carmo e a cidade de Salvador - territórios investigativos sobrepostos, encaixados uns dentro do outros. Têm-se assim diferentes instâncias de forças, escalas de aproximação e possibilidade de constituição de novos movimentos no jogo cartográfico. O recorte espaço-temporal abrange, portanto, estes três territórios, percorridos ao longo dos anos 2007-2008 período da pesquisa de campo - com o objetivo de investigar o referido processo de transição ocorrido entre 1982 e 2008.

Esta construção híbrida tanto no que diz respeito aos aspectos metodológicos quanto à própria definição dos territórios investigativos amplifica as possibilidades de conexões entre ferramentas metodológicas e modifica a atitude do pesquisador no ato investigativo. À medida que

se formula outras regras para ir a campo, ou para produzir a narrativa, altera-se também o modo de questionar sobre, de elaborar hipóteses e de construir mecanismos de compreensão das relações observadas.

Jogos são práticas espacializadas numa mesa, numa casa, numa calçada, numa rua, na água, num tabuleiro, num suporte invisível capaz de assimilar relações entre- espaços entre pessoas, entre olhares, interesses- entre relações. A emoção do entre o agora e o daqui a pouco, entre a sorte e a experiência adquirida. Tentativa e risco, num jogo espacializado no papel, neste espaço entre nós...

Obra em jogo, mobilizada pelo foco da simultaneidade. Olho-míssil e olho- fósil, focos simultâneos com propósitos complementares, um arrisca-se num impulso de expansão, de lançar-se para fora; o outro adentra as intensidades submersas, num ímpeto de transpor superfícies e encontrar as opacidades. A narrativa aspira ao movimento de percorrer nosso corpo, adentrar nossos olhares, olho-míssil e fósil, e fazer pulsar nossa imaginação criadora.

FERNANDO FERRAZ: Arendt chega a afirmar, inclusive, que não há cidade sem muro.

CACÁ FONSECA: Como fica a afirmativa de Arendt “a política jamais visa a manutenção da vida”? Se retomamos à noção de biopolítica de Foucault, aparece uma contradição, já que esta última trata da própria gestão da vida. Sinto um incômodo com a noção de política de Arendt, pois como ficariam todas as mobilizações e lutas sociais cujo investimento político é, inclusive, interesse de nossos estudos, como os movimentos de luta pela moradia,

de reforma urbana? De acordo com a autora “o governo é pré-político”.

DISPOSITIVO E CAMPO DE FORÇAS > linhas: trajetos x territórios existenciais x diálogos

Os dispositivos enquanto máquinas de fazer ver e falar, nesta investigação, são operados a partir de conceitos filosóficos e urbanísticos, de trajetos pela cidade, de enunciações dos diferentes grupos e pessoas envolvidas no processo de ocupação do Forte, de imagens fotográficas e jornalísticas correlatas, de personagens e territórios do mundo da capoeira, de projetos oficiais definidos no âmbito das políticas públicas, e de anotações relativas à pesquisa de campo.

Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam, enquanto umas suscitam, através de variações ou mesmo mutações de disposição. As diferentes linhas de um dispositivo repartem-se em dois grupos: linhas de estratificação ou de sedimentação, linhas de atualização ou de criatividade. [...] Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e

essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada uma está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores [...] Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho em terreno”. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal [...] O certo é que os dispositivos são como as máquinas de Raymond Roussel, máquinas de fazer ver e de fazer falar, tal como são analisadas por Foucault. (DELEUZE, 1990, p. 155-161)

HANNAH ARENDT: Não obstante, o passado de verdadeira experiência política, pelo menos em Platão e Aristóteles, continuava tão forte que jamais houve dúvida quanto à distinção entre as esferas da família e da vida política. Sem a vitória sobre as necessidades da vida na família, nem a vida nem a boa vida é possível; a política, porém, jamais visa à manutenção da vida.

GUSTAVO CHAVES: O **social** de Arendt teria a ver com a **biopolítica** em Foucault e não o político.

HANNAH ARENDT: Pelo contrário, todo conceito de domínio e de submissão, de governo e de poder no sentido em que o concebemos, bem como a ordem regulamentada que os acompanha, eram tidos como pré-políticos, pertencentes à esfera privada e não à esfera pública. [...] Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não

Todas estas matérias de expressão emaranhadas nos seguintes vetores, linhas de trajetos, linhas de vida e linhas em jogo configuram um conjunto multilinear que fazem falar e ver os constantes engendramentos das linhas de subjetivação, de ruptura, de fuga, de desterritorialização, de morte. Enfim as diversas manifestações das linhas concernentes aos grupos de estratificação e de sedimentação; e de atualização ou de criatividade, cartografadas, desemaranhadas ao longo do processo investigativo.

A inserção destes vetores na presente discussão é feita como um movimento arquitetado, que intenciona desencadear outros movimentos e questões, criar tensões; um golpe acionado dentro de um contexto específico e potente de possibilidades de associações, ataques, encaixes e esquivas. Um dispositivo, no sentido de criar relações de forças, produzidas por uma determinada intenção, a construção da narrativa cartográfica.

As relações de forças são imanentes a todos os movimentos operados pelos dispositivos e, portanto, todo conjunto multilinear implica a instauração de um campo de forças. Trata-se da

dimensão do poder intrínseca aos componentes do dispositivo, sejam aqueles ligados à subjetivação, à fuga, à estratificação, e etc. As linhas trajetos, linhas de vida e linhas de diálogos configuram nosso campo de forças, uma virtualidade, configurada processualmente a partir das emergências que se efetivam no processo de ocupação do Forte de Santo Antônio além do Carmo e na sua transformação em Forte da Capoeira.

Um dispositivo implica linhas de forças. Pareceria que estas foram situadas nas linhas precedentes de um ponto singular a outro; de alguma maneira, elas “retificam” as curvas anteriores, traçam tangentes, envolvem os trajetos de uma linha com outra linha, operam idas e vindas entre o ver e o dizer e inversamente, agindo como setas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras, que não cessam de conduzir à batalha. A linha de forças produz-se “em toda a relação de um ponto a outro” e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, esta linha está estreitamente mesclada com outras e é, entretanto, indistinguível destas. (DELEUZE, 1990, p. 155-161)

comandar. Não significava domínio, como também não significava submissão.

DIEGO MAURO: De acordo com a ideia grega de política, abordada no trabalho de Arendt, quem discute política é aquele que tem a necessidade suprimida. Considero uma concepção de política muito excludente. O morador de rua, por exemplo, na concepção grega, não seria sequer *cidadão*.

FERNANDO FERRAZ: Esta é uma visão recorrente sobre o trabalho de Arendt, que é caracterizada como uma aristocrata da política, uma interpretação “lugar comum” sobre a autora. Pois o referente grego é questionado, já que grande parte das pessoas que viviam em Atenas sequer participava da vida pública.

em parte, se deve ao enorme empobrecimento da esfera privada através do moderno individualismo. Não obstante, parece ainda mais importante o fato de que a privacidade moderna é pelo menos tão ostensivamente oposta à esfera SOCIAL – desconhecida dos antigos, que consideravam o seu conteúdo como assunto privado – como o é a esfera política propriamente dita. O fato histórico decisivo é que a privacidade moderna, em sua

função mais relevante – proteger aquilo que é íntimo – foi descoberta não como o objeto da esfera política, mas da esfera social, com a qual, portanto, tem laços ainda mais estreitos e mais autênticos.

CACA FONSECA: Na passagem de Arendt que fala do caráter “acidentalmente agnóstico” do tema público quando o tema público como produção da diferença, isso lugar reservado à individualidade, onde todos poderiam mostrar o que eram. Mas coloca um contraponto: garantir da primazia da individualidade, como fica a constituição do comum

neste esfera? A autora fala muito das condições de integrar ou ser excluído do polo, mas não entra no tema de quem faziam lá, ou sobre o que se discute.

HANNAH ARENDT: Esta é moderna, baseada no contrato social e na sociedade e que substitui a ação como primeira forma de relação humana, em todas as suas aspectos igualmente dos tempos até especialmente da igualdade cidade-estado grega. Particularmente igual (Hannah Arendt a permissão de viver e mas a esfera pública em s

de experiências individuais. [...] No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público: nada, só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto ou

ADALBERTO VILELA: No espaço da internet, na rede, ou dispositivo como Fernando sugeria, a *escuta* é a possibilidade de escolher os conteúdos, de entrar e sair dos lugares onde as pessoas disponibilizam a informação.

THIAGO PORTELA: O lugar do discurso na política fundamental, o lugar da fala, mas principalmente o da escuta. Quando algum cidadão assume o lugar da fala e não se afirma efetivamente enquanto

pública de Arendt (três na experiência grega), o dispositivo não há escuta. Falam ao mesmo tempo. Não pra escutar todo mundo. É mudança de escala, a pala

A dimensão do poder faz vibrar o campo multilinear, entrecortado por idas e vindas, explícita suas ambigüidades, desestabiliza o ver e o dizer, tangencia norte e sul e localiza-se nos interstícios entre norte e sul, espetáculo e resistência. A batalha associa-se à ideia do jogo, da disputa, do conflito e do risco e permeia a construção metodológica e conceitual da cartografia deste campo de forças.

I: Linhas trajetos

O jogo inicia-se com três diferentes trajetos percorridos para acessar o Forte. As paisagens vigentes e dissidentes conformadas nesta experiência compõem as primeiras linhas da nossa cartografia. **Linhas-trajetos**, escrituras dos passos na ação de cartografar o referido campo de forças e descobrir algumas conexões possíveis entre o Forte e seu contexto urbano.

Esta aproximação provoca nossa imaginação com enredos cotidianos devorados nas diversas vezes que estes trajetos foram percorridos e com breves pontuações acerca das ocupações do Forte desde 1982, sem entretanto aprofundar nas entrelinhas destes processos. Alguns conceitos

e autores são acionados como possibilidade de transvalorar os relatos cotidianos e de introduzir a abordagem teórica articuladora da narrativa nestas aproximações.

[Movimento inicial do jogo]: trajetos

O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 42)

O Forte de Santo Antônio Além do Carmo revela no seu próprio nome o sentido de um trajeto, define uma espacialidade a partir das relações que estabelece com outra. Nossas primeiras aproximações do Forte são realizadas a partir da idéia de percorrer um espaço para acessar outro e portanto, compreendê-lo na sua inserção urbana. Entendê-lo nas suas relações com o entorno, com as possibilidades de acesso, de transporte, as paisagens que compõe - a depender do ponto de vista que lançamos nosso olhar, se da Cidade Baixa, se do

HANNAH ARENDT: O desaparecimento do **abismo** que os antigos tinham que transpor diariamente a fim de transcender a estreita esfera da família e ascender à esfera política é fenômeno essencialmente moderno. Esse abismo entre o privado e o público ainda existia de certa forma na Idade Média, embora houvesse perdido muito da sua

importância e mudado inteiramente de localização. [...] Desde o advento da sociedade, desde a admissão das atividades caseiras e da economia doméstica à esfera pública, a nova esfera tem-se caracterizado principalmente por uma irresistível tendência de crescer, de devorar as esferas mais antigas do político e do privado, bem como a esfera mais recente da intimidade. [...]

A sociedade é a forma na qual o fato da dependência mútua em prol da subsistência, e de nada mais, adquire importância pública, e na qual as atividades que dizem respeito à mera sobrevivência são admitidas em praça pública.

Fragmentos de texto visíveis no grid:

- ...indagando-se se mecnica - e a natureza da liberdade? [...] a liberdade é o ato pré-político de libertar-se do necessitado de vida para conquistar a liberdade no mundo.
- ...temos alguns problemas para nos aproximarmos das noções de Arendt em função de diferenças de contexto. No início do trabalho, há uma especial atenção para a análise de diferentes aspectos políticos/humanos. A noção de lei em forma significativas a espaço entre as progressões, visto ser poderem dividir o mesmo mundo.
- ...A sociedade é a forma na qual o fato da dependência mútua em prol da subsistência, e de nada mais, adquire importância pública, e na qual as atividades que dizem respeito à mera sobrevivência são admitidas em praça pública.
- ...CACA FINECA: Penso numa interação dos processos, tal como a atual posição do movimento urbano praça - privatização do espaço público - e também o pensamento sobre o funcionamento do espaço privado. Essas interações estão em funcionamento das redes sociais e reality shows?
- ...FERNANDO FERREZ: Sigo pensando na interação dos níveis, público e privado, de redes sociais, tanto que fora cidade, não seriam também um espaço público, visto de "recepção da intimidade no espaço", citado por Fernando?
- ...KARLO VILAZA: Pensando na interação dos níveis, público e privado, de redes sociais, tanto que fora cidade, não seriam também um espaço público, visto de "recepção da intimidade no espaço", citado por Fernando?
- ...HANNAH ARENDT: Um fator decisivo é que a sociedade em geral não é mais aquela, mas a possibilidade de agir, que antes implicava do ser humano. As condições, a sociedade impõe de um dia para outro uma certa tipo de comportamento, tipo de interação, tipo de...

início do Largo do Santo Antônio - enfim, pensar o Forte a partir das suas múltiplas conexões com a cidade.

Um trajeto está condicionado a diferentes variáveis, horários noite- dia- madrugada, segurança, tempo, deleite da paisagem, facilidade de transporte a depender do local de onde se parte, acontecimentos do entorno, disposição física-emocional- temporal, entre várias outras. Cada percurso compõe um traço sobre o mapa da cidade, figura da ordem da universalidade sobre a qual vão se sobrepondo linhas, segmentaridades, cores e ações equacionadas no cotidiano. Mapa e cartografia, duas formas de tornar um espaço-acontecimento-mundo compreensíveis, situados em planos de observação diferentes e correlacionados.

A cartografia diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações, ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente. (ROLNIK, 2006, p. 61)

Os planos de observação são as lentes que utilizamos para efetivar nossa relação com este espaço-acontecimento-mundo. Podemos acionar lentes que nos fazem ver as superfícies como podemos encontrar lentes que nos levam às regiões periféricas, submersas e opacas desta mesma superfície. A primeira aproximação do Forte de Santo Antônio Além do Carmo movimenta-se no sentido de extrapolar a esfera do visível e capturar vibrações dos percursos e das referências; aproxima-se corpo-a-corpo deste espaço Além do Carmo, mas a quem de onde? Sobre o que? Entre que outros? Deixar o trajeto ser tomado pelas intensidades, pelas temperaturas e pelos riscos dos desvios que a cidade nos oferece para fazer pulsar os sentidos da paisagem vigente. Os três primeiros traços desta cartografia são os percursos atravessados na ação de pesquisar.

II: Linhas de vida

A segunda aproximação deste campo de forças procede por dois movimentos simultâneos: a efetiva entrada no território Forte e a ampliação do repertório teórico, no sentido de compreender as historicidades da capoeira. A cartografia, neste

CACÁ FONSECA: Penso numa
imbricação dos processos, tal como
a atual pesquisa do Laboratório
Urbano propõe – privatização
do espaço público – e também
poderíamos dizer de publicização
do espaço privado. Nessa
imbricação estariam os fenômenos
das redes sociais e reality shows?

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a
rede (internet) como um dispositivo
técnico, que cria uma esfera
oscilante, ora pública, ora privada,
ora social (ou ainda da intimidade).

ÍCARO VILAÇA: Pensando na
sobreposição das esferas, público
x privado, as redes sociais, como
já fora citado, não seriam também
um espaço político, além da
“exposição da intimidade no social”,
citada por Fernando?



momento, compõe-se de **linhas de vida**, que configuram uma estratégia de constituição de múltiplos territórios existenciais operados pela capoeira. (ROLNIK, 2006)

Estas **linhas de vida** são convergências de personagens-capoeiristas, de passagens históricos, de territórios significativos ocupados por esta prática, de matérias de expressão cunhadas pela vivência da capoeira suscitadas num enredo rizomático. A idéia é investigar os movimentos de des-re-territorialização destas linhas de vida e, por conseguinte, dos territórios existenciais conformados a partir da capoeira ao longo do seu processo de constituição enquanto crime, esporte, cultura popular, espetáculo, cotidiano, entre inúmeras outras possibilidades.

[ARTIFÍCIO CARTOGRÁFICO. II] Como se formula a ideia de territórios existenciais?

Na cartografia sentimental esboçada por Rolnik (2006), outras substâncias são incorporadas na conceituação de território, que se dobra em territórios existenciais, provocando a dilatação da notação geográfica tradicional para as geografias

incorporais dos afetos e das paisagens psicossociais. O território então passa a figurar o plano de consistência dos afetos, que por sua vez são simulações do desejo no seu incessante movimento de produzir intensidades/significados/personagens e agenciamentos, ou seja, de definir as formações do campo social.

E o território, no caso, não tinha nada a ver nem com terra – circunscrição geográfica, nem com grupo- circunscrição de pertencimento. Território, ali, designava máscaras, rituais, balizas de cartografia. As máscaras, os rituais, as balizas de cartografia – os territórios- configurações mais ou menos instáveis, atravessam terras e grupos os mais variados: são transversais, transculturais. (ROLNIK, 2006, p. 58)

Portanto, um território existencial dilata-se, expande-se e contrai-se à medida que seus contornos vão sendo esboçados pelo movimento de simulação dos afetos. É como se virtualmente pudéssemos conectar qualquer estrato operante no mundo a outro e definir um novo contorno e, portanto, um novo território existencial. Desta

HANNAH ARENDT: Um fator decisivo é que a sociedade, em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de **ação**, que antes era exclusiva do lar doméstico. Ao invés de ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de **comportamento**, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a normalizar os seus membros, a fazê-los comportarem-

se, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada. [...] Mas a sociedade equaliza em quaisquer circunstâncias, e a vitória da igualdade no mundo moderno é apenas o reconhecimento político e jurídico do fato de que a sociedade conquistou a **esfera pública**, e que a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo.

FERNANDO FERRAZ: A ascensão da sociedade normalizada corresponde à ascensão do econômico. **O lugar do político não é o do social**, e as Ciências Sociais são as Ciências do Comportamento, de modo que quanto maior a população, menor a possibilidade do político. Na modernidade, a partir do caráter científico da Economia, uma Ciência Social ou do Comportamento, quem não seguia as regras podia ser considerado associal e

relação de natureza criadora, inventiva e fluida entre desejo e território emergem uma miríade de coletividades, temporalidades, corporeidades, territorialidades, práticas, discursos, saberes, enredamentos pulsantes de vida e de sentidos que fundam múltiplas máscaras, ancoradas em diversos sistemas de valores.

Nos trajetos cartografados, alguns territórios emergiram no sentido da espacialização dos processos de subjetivação inerentes à produção-invenção da vida no espaço urbano. Nestas narrativas cartográficas, a capoeira associada ao sentido da experiência urbana de explorar diferentes trajetos para acessar o Forte - figuram as transversalidades de terras e grupos, o plano de consistência dos afetos mobilizadores das territorializações descritas.

O plano de consistência dos afetos, enquanto potência de produção incansável de mundos, de personagens, de práticas, de territorialidades, promove um transbordamento das variáveis consideradas na formulação dos territórios. Portanto, além de abordar a capoeira como catalisadora de processos de territorialização, tais

como a roda, o cenário de bonecos sem rosto e o Forte³; toma-se a capoeira também como um território existencial, e desta forma como o plano de consistência de afetos em incessante movimento de des- re- territorialização dos seus próprios ritmos, rituais, circunscrições, intensidades e, desta forma, de ininterruptas simulações de máscaras engendradas sob determinadas formações sociais.

III: Linhas de diálogos

Estas linhas entram em jogo a partir de diálogos criados com alguns personagens que vivenciaram o processo de ocupação do Forte de Santo Antônio Além do Carmo e sua posterior transição para o Forte da Capoeira. Trata-se de um processo de transvalorar as entrevistas realizadas com estes personagens ao longo da pesquisa de campo, no sentido da interação dos discursos.

A partir de uma perspectiva polifônica operada no agenciamento destas narrativas, propõe-se a abertura de lacunas e descompassos entre os ritmos e os movimentos de cada discurso. A emergência de lacunas e contrariedades, relativas à compreensão de cada personagem, que também

anormal. A equalização do espaço público deriva da hegemonia da esfera social no espaço público. A espetacularização tem uma espécie de “mais do mesmo”, sendo que os espaços públicos estão tomando um caráter de **igualdade**, num processo de economização do espaço público.

HANNAH ARENDT: Hoje, não apenas não concordaríamos com os gregos que uma vida vivida na privatividade do que é próprio ao indivíduo (*idion*), à parte do mundo comum, é “**idiota**” por definição, mas tampouco concordaríamos com os romanos para os quais a privatividade oferecia um refúgio apenas temporário contra os negócios da res pública. O que hoje chamamos de privado é um círculo de **intimidade** cujos primórdios

podemos encontrar nos últimos períodos da civilização romana, embora dificilmente em qualquer período da antiguidade grega, mas cujas peculiaridades multiformidade e variedade eram certamente desconhecidas de qualquer período anterior à era moderna. [...] Na opinião dos antigos, o caráter privado da privatividade, implícito na própria palavra, era sumamente importante: significava literalmente **um estado no qual o indivíduo**

da unidade e da separação de interesse e sua contextualização com os aspectos da experiência (...) e a este momento da experiência de vida, do saber humano e do saber

na cidade como profissões de privatividade e não de resultado. É que tudo entre os diversos experiências científicas, místicas, técnicas, políticas etc. é a privatividade. Diferença essencial e que é que existe de comum entre eles, que é a privatividade.

É assim sempre que se pode considerar que a privatividade pode existir de modo geral e para todos. Logo, é a privatividade corporal.

FERNANDO FERREZ: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

FERNANDO FERREZ: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

HANNAH ARENDT: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

HANNAH ARENDT: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

HANNAH ARENDT: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

HANNAH ARENDT: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

HANNAH ARENDT: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

HANNAH ARENDT: Talvez o problema não seja de publicar o livro, mas de transportá-lo. O problema da privatividade não é como experimentá-lo, mas como experimentá-lo. É o problema de como se passa

assume outras conformações para adentrar este jogo. Uma construção relacional, aberta às afecções recíprocas entre inúmeras linhas de vida e trajetórias engendradas no Forte.

Os diálogos abordam três momentos potentes de relações para se pensar a interação dos vetores espetáculo-resistência, molar-molecular e cotidiano-território, eixos que direcionaram as reflexões sobre as linhas trajeteto. As **linhas de diálogos** conectam-se em alguns momentos à narrativa cartográfica acerca de passagens cotidianas e festivas vivenciadas no Forte. Articulam-se simultaneamente no mesmo plano de observação as linhas da cartografia do urbanismo, dos praticantes ordinários do forte e da cartógrafa-artesã.

A perspectiva polifônica destes diálogos interessa como dispositivo para tencionar planos e lentes de observação, confrontá-los no sentido da instauração do conflito. A emergência de uma emoção conflitante é pertinente para análise do processo de ocupação e transformação de um território, atravessado incessantemente pelo fluxo da disputa.

Os personagens perdem seus rostos, suas expressões individualizadas, o timbre das suas vozes

e passam a compor um agenciamento coletivo e polifônico. Trata-se de uma estratégia de encaixe das diferentes falas singularizadas pela experiência de cada personagem, numa multiplicidade. Os mestres Moraes, Itapuã, Gildo Alfinete, Boca Rica e Poloca são agenciados na multiplicidade < **mestre** >. Os integrantes do Ilê Ayê Vivaldo Benvindo do Santos e Vovô do Ilê agenciaram-se no < **artista** >; o pesquisador e estudioso Fred Abreu transmuta-se na multiplicidade < **pesquisador** >; os professores de capoeira do CECA Nany, Aranha e Zoinho agenciam-se na multiplicidade < **professor** >; e os diversos representantes das instituições governamentais envolvidas neste processo: Zé Virgílio (funcionário do IPAC e gestor do Centro de Cultura Popular), José Augusto de Azevedo Leal (diretor do IPAC e superintendente da ONG Forte da Capoeira), Cleonel Pereira (presidente da ONG Casa das Filarmônicas) e Márcio Meirelhes (secretário de Cultura do estado da Bahia) agenciam-se na multiplicidade < **estado** >, que no decorrer dos diálogos desdobra-se em outras multiplicidades.

Os discursos produzidos a partir das questões da artesã-cartógrafa desvelam intercorrências, conexões, convergências, discursos dentro de

se privava de alguma coisa, até mesmo das mais altas e mais humanas capacidades do homem. Quem quer que vivesse unicamente uma vida privada – o homem que, como o bárbaro, não se desse o trabalho de estabelecer tal esfera – não era inteiramente humano. Hoje não nos ocorre, de pronto, esse aspecto de privação quando empregamos a palavra privatividade; e isto,

em parte, se deve ao enorme enriquecimento da esfera privada através do moderno individualismo. Não obstante, parece ainda mais importante o fato de que a privatividade moderna é pelo menos tão nitidamente oposta à **esfera social** – desconhecida dos antigos, que consideravam o seu conteúdo como assunto privado – como o é a **esfera política** propriamente dita. O fato histórico decisivo é que a privatividade moderna, em sua

função mais relevante – proteger aquilo que é íntimo – foi descoberta não como o oposto da esfera política, mas da esfera social, com a qual, portanto, tem laços ainda mais estreitos e mais autênticos.

FERNANDO FERREZ: O comum se reflete pelo lugar do discurso – que é a privacidade. E se o comum tem se perdido a **atemporalidade** e a **essencialidade**. E do comum faz parte o **tempo**. O comum é o lugar da arte, da ciência, da economia, e não a **privacidade**. A privacidade como um **tempo** ao mesmo tempo, que se dá no **espaço** do social.

HANNAH ARENDT: Segundo Castoriadis, todos os poderes públicos e todos que possuem algum tipo de **governo** de um homem sobre os outros, como reis, padre, senhores, ou exclusivamente no **espaço** a **privacidade** e em outros nomes que se encontram dentro e fora do **espaço**. [...] A esfera da política, ao contrário, é a esfera da liberdade, e se baseia numa relação entre essas duas esferas que a **privacidade** não é necessariamente da vida em família.

FERNANDO FERREZ: Esta é uma ideia interessante sobre a liberdade de Arendt, que é caracterizada como uma **atividade** da política, mas a **privacidade** "não é comum" sobre a natureza. Para a liberdade, há a possibilidade de um grande número das pessoas que vivem em **espaço** sempre participam da **vida** pública.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

HANNAH ARENDT: [...] O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

FERNANDO FERREZ: O conceito de **liberdade** que Arendt desenvolve é o de **liberdade** política, e não a **liberdade** econômica. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado. Ela se refere ao **espaço** público, e não ao **espaço** privado.

outros discursos, dispersando o sentido autoral em polifonias. Ainda que estes personagens definam posicionamentos particulares, e que seus discursos também se relacionem por rupturas e divergências, o agenciamento coletivo é um dispositivo potente para abarcar os movimentos de convergência e divergência, sem, no entanto anular sua potência conflitiva. A sobreposição dos três territórios investigativos, roda- Forte- Salvador inserem as questões relativas ao referido processo, numa discussão mais abrangente, focada sobre a produção de espaços urbanos nas cidades contemporâneas, as perspectivas patrimoniais e as políticas públicas culturais.

INTERRUPÇÃO DO JOGO > considerações finais

“Cartógrafo”, quando querem os enfatizar que ele não “revela” sentidos (o mapa da mina), mas os “cria”, já que não está dissociado de seu corpo vibrátil: pelo contrário, é através desse corpo, associado ao uso molar de seus olhos, que procura captar o estado das coisas, seu clima, e para eles criar sentido. (ROLNIK, 2006, p. 71)

A investigação construída na perspectiva da “criação” de sentidos remete-se a uma prática cartográfica operada pelo corpo vibrátil (ROLNIK, 2006) e pelo olho-molar (SALOMÃO, 2008) correlatos à dimensão da experiência. Estes dois artificios agenciaram-se, nesta pesquisa, e a captura do estado de coisas realizou-se a partir de movimentos do olho míssil- fóssil-câmera, compreendidos como artificios cartográficos que entrecruzam planos e lentes de observação e as circunstâncias do jogo da capoeira.

Esta captura, ao abrir planos simultâneos de observação e ao alternar lentes por onde se enquadra um território, pretendeu abarcar os movimentos de expansão e contenção dos corpos, das expressões dos personagens e das energias sociais mobilizadas na constituição dos territórios existenciais. A pesquisa capturada entre o vibrátil e o molar, ou nos termos desta narrativa, o molecular e molar.

O ato cartográfico em questão revelou-se uma possibilidade de experimentação metodológica, à medida que a criação, neste caso abarcou também a idéia de método, enquanto invenção circunstanciada

CACÁ FONSECA: Na passagem de Arendt que fala do caráter “acirradamente agonístico” da esfera pública aparece a ideia de público como produção da diferença, único lugar reservado à individualidade, onde todos poderiam mostrar o que eram. Mas coloca um contraponto: diante da primazia da individualidade, como fica a constituição do comum

nesta esfera? A autora fala muito das condições de integrar ou ser excluído da *polis*, mas não entra no cerne do que eles faziam lá, ou sobre o que se discutia.

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos poucos iguais (*homoioi*) significava ter a permissão de viver entre pares; mas a esfera pública em si, a *polis*,

pelas capturas que se deram no decorrer da pesquisa. A narrativa procedeu no ímpeto do jogo, do encaixa e desencaixa, da busca pelo golpe-estratégia- tempo apropriado à determinada circunstância.

As linhas de trajetos traçaram conexões entre Porto, Aquidabã, Sé, Barbalho e Santo Antônio, bairros do entorno imediato do Forte; as linhas de vida atravessaram personagens e territórios entre Salvador e Rio de Janeiro e abriram canais de efetivação de territórios-existenciais ligados à capoeira como angola, patrimônio, cotidiano, regional, crime, mito, identidade nacional; os diálogos produziram a sobreposição de linhas da cartografia do urbanismo e dos praticantes ordinários numa atmosfera conflitante e polifônica.

Inúmeras outras linhas, outras cartografias não foram abarcadas por estes planos de observação, escaparam a nossa captura. O horizonte metodológico definido pela lógica da incompletude assimila a idéia destas linhas virem a ser outros diálogos, outros trajetos e outros personagens. Destas se desdobram em movimentos pelas margens, *virar ou-tros seres* (SALOMÃO, 2008),

traçarem direções tangenciais absolutamente imprevistas pelas estratégias de captura e definirem outras linhas, outras cartografias.

O vir a ser outro pode ser associado ao *devir*, fluxo permanente, potência imanente aos processos urbanos, ao engendramento de territórios e à emergência de outras configurações entre os vetores de forças. A investigação também é atravessada por este fluxo constante, e solicita uma atenção comprometida da cartógrafa-artesã no sentido de, em algum momento estabilizar as lentes de observação, definir sobre que plano deterá seu olho câmera-míssil-fóssil e com quais dispositivos irá experienciar este campo de forças.

O ato cartográfico territorializou-se, constituiu um território investigativo, idéia avessa à noção de um território a priori, no qual se pode adentrar a partir de uma fronteira pré-determinada. O território enquanto ato configura-se à medida que se caminha, encontra as singularidades de cada trajeto, escapa numa linha de fuga e deflagra a experiência, a dimensão do vivido. Uma experiência implicada num determinado campo de forças, onde as lentes de observação alternaram-se entre míssil, fóssil e

era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada a individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

ÍCARO VILAÇA: A noção de esfera pública como o lugar de **produção da diferença**, reservada à individualidade, retoma a fala de Paola na mesa-redonda “Errâncias, ambiências e transurbâncias”. (FAUFBA, 2011) Ela tratava da eliminação da alteridade no **espaço público** e podemos relacionar com a ideia de privatidade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

público se efetivar – configura a hegemonia da esfera social no espaço público, em que são reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação, do desaparecimento da alteridade e da privatização do espaço público.

câmera direcionando-se simultaneamente para os planos molar e molecular. O território investigativo delimita-se por fronteiras e singularidades e também desencaixa o cotidiano da cartógrafa, insere-a noutro campo de experiências.

Neste caso, a cartógrafa- artesã movimenta-se entre fluxos de vida, estratifica-se pelo estado de coisas, recoloca as individualidades em instâncias de poder, tais como <mestre>, <professor>, <estado>, <pai>, <capitão do mato>, <artista> e depara-se com um campo de forças, permeado pela noção de jogo. Os agenciamentos e as multiplicidades operados nestas instâncias de poder funcionam como artifícios, estratégias de encaixe e desencaixe de discursos e territorialidades, como o forte-ruína e o forte-patrimônio.

A tônica da narrativa pretende não enquadrá-la numa perspectiva absolutamente estabilizada, compreendendo que mesmo diante da estabilidade, operam vetores de diferenciação. Entretanto, a produção de territórios sob o viés hegemônico do vetor espetáculo, transversal aos processos de constituição da capoeira-patrimônio, imobiliza algumas dimensões espaço-tempo no Forte.

Atribui-lhes sentidos fixos e homogêneos, compacta a espessura de uma complexa trama relacional de saberes-poderes-modos de subjetivação.

Compreender a emergência destas linhas duras na perspectiva relacional das micropolíticas é tarefa árdua. O plano molar é delineado por traços contundentes, de natureza dubiamente rígida e flexível, capaz de assimilar as singularidades mais dissidentes e convertê-las em imagens sem malícia nem malandragem. A narrativa cartográfica propôs a apreensão das opacidades, no sentido de não se deter sobre o que se vê com o olho-câmera. Entretanto, é relevante, compreender que a força mobilizada pelas hegemonias e pelas contra-hegemonias tem potencial de inserção e de produção de espaços absolutamente distintas.

A idéia do não enquadramento depara-se como a contundência destas linhas, a exatidão de suas direções, a dimensão fixa das suas definições espaciais, a capacidade de medir, estriar e provocar rupturas ao encontrar outras linhas de vida. No Forte, percebeu-se a interferência da dimensão, direção e natureza destas linhas no momento da constituição da ONG Forte da Capoeira e

HANNAH ARENDT: É em relação a essa múltipla importância da esfera pública que o termo privado, em sua acepção original de **privação**, tem significado. Para o indivíduo viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se

e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. A privação da privatividade reside na ausência do outro; para estes o homem privado não se dá a conhecer e, portanto, é como se não existisse.

CACÁ FONSECA: Sobre o desaparecimento da alteridade e a noção de idiota, como aquilo que se refere ao que é próprio, poderíamos falar em idiotização da esfera pública, quando a diferença é subsumida pela “homogeneização das sensibilidades”? Essa expressão é trabalhada por Paola no texto “Notas sobre o espaço público e a imagem da cidade”. Também podemos entender a privatização do espaço público, a partir da

posteriormente, na reforma do referido espaço. Ainda que se admita suas variações e devires, a produção do território-existencial patrimônio, implica uma força ativa que investe os espaços e os personagens, de um determinado sentido, atrelado a uma imagem e a um discurso. Sentido-imagem-discurso enquanto instâncias articuladas, que revelam a dimensão de poder implicada nestes enredamentos.

Num dispositivo em que todas as linhas são investidas de força, direciona-se nestes argumentos finais, o foco de nossas lentes de observação para a força do espaço. A produção do espaço Forte da Capoeira remete-se à força ativa de configuração de fluxos de vida, de definição de temporalidades, de mestres-referências e, por conseguinte, de constituição de territórios enquanto aporte de vida e de emoção. Cabe questionar que vida e que emoção são investidas nestes territórios?

Nestes momentos finais do jogo, retoma-se com prudência a ideia das voltas do mundo⁴, em que os vetores de forças dão voltas sobre si mesmos, dobram-se na direção do ataque, ou esquivam-se para fora do território existencial hegemônico. A

volta do mundo como movimento do qual emergem inúmeras possibilidades de constituição de outras territorialidades-temporalidades-sonoridades. A interação instabilidade-estabilidade orientou a ação das lentes e dos planos de observação desta narrativa. Assim, mesmo que a volta do mundo deflagre a potência do devir, do vir a ser outro jogo, tem-se em mente, os movimentos do jogo que está prestes a terminar. Neste, ainda que a instabilidade opere incessantemente suas configurações, não é possível deter-se somente nela, à medida que algo se estabilizou, seja no tocante ao espaço, aos discursos, às imagens, às temporalidades, enfim as múltiplas dimensões atreladas ao território.

Percorrer trajetos metodológicos relativos à dimensão do vivido dificulta o momento das conclusões. A pretensão conclusiva é remetida à interrupção e, por ora, interrompe-se o fluxo mobilizador dos passos em direção ao Forte, ao encontro dos personagens nas rodas imaginárias e as articulações das falas em diálogos. Na capoeira, não se trata de um jogo que se ganha ou que se perde, pois o capoeirista entra nos fluxos das voltas do mundo e não compreende que o jogo com determinado capoeirista termina no momento em

relação entre “homogeneização das sensibilidades” e a privação do público que seria a privação da própria individualidade, uma vez que o público na noção grega é a realização da individualidade. E por fim insisto na pergunta, se a esfera pública era reservada à individualidade, como se dá a passagem da individualidade para o comum?

ÍCARO VILAÇA: Os processos de espetacularização atuam reduzindo as possibilidades (privação).

Privatização e idiotização do público se relacionam com a ideia de descomplexificar e homogeneizar, proposta por Paola.

DIEGO MAURO: Isto reforça o comportamento, volta para o social em oposição à ação.

podemos mostrar o que é isso. Mas indica um contraponto: desde da privação da individualidade, como fica a constituição do comum?

de experiências individuais. [...] No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a sua implantação e a sua disseminação: a presença de outros no mundo público, a vida, a cultura e que é não como repetição, algo de ser visto ou ouvido, de sorte que o indivíduo se torna substancialmente assunto privado.

ADALBERTO VIEIRA: No espaço da internet, na rede, os dispositivos como Facebook surgem, o espaço é a possibilidade de mostrar os caminhos, de entrar e sair dos lugares onde as pessoas disponibilizam a informação.

THAIS PORTILA: O lugar de discurso na política fundamental, o lugar da fala, mas principalmente o da escrita. Quando alguém escreve, escreve o lugar da fala e não se aferra diferentemente enquanto uma individualidade que permanece escrita, os demais tentam se conectar para não se perder. É neste sentido, quando a aproximação das redes sociais com o esforço

especialmente da qualidade do círculo-estado grego. Pertencer aos poucos iguais. Provavelmente significar a possibilidade de estar entre pontos: mas a esfera pública em si, a pólis.

PÚBLICA de Arendt influenciada na experiência grega, pois, neste dispositivo não há escrita, todos falam ao mesmo tempo. Não dá para escrever todo mundo. É uma mudança de escrita, a palavra falada que se ouvia no mundo grego.

resposta à individualidade, era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e acidentalmente eram.

FABIANA BRITO: Considero muito vinculada a associação desta entre esfera pública e as redes, pois há momentos em que algumas condições não tem nenhuma correspondência com o estado entre discurso e escrita referido por Arendt. Talvez não há a conexão de debate, é um dispositivo de exposição. É bonito que **este e debate não há esfera pública**.

esta é uma experiência muda, este é uma in-fênica da experiência? É se

novi sujeito da ciência, ela torna-se não algo de indistinto, mas aquilo

CACÁ FORSECA: A noção de experiência como **mistério** coloca

GUSTAVO CHAVES: Mas o mistério é compartilhável. A morte é um

FABIANA BRITO: Dizer que compartilhamos mistério não

que apertam as mãos e saem da roda. Ao deixar este território onde a disputa espreitou a exatidão do ataque, e ao espreitá-la converteu movimentos em interações, suas direções em assimilações e deslocamentos do sentido do movimento do outro.

Em se tratando de um jogo onde tantos impasses se colocaram e tantos movimentos engendraram hegemonias e contra-hegemonias, ouve-se o chamado do berimbau, o toque que anuncia a interrupção. As matérias de expressão apreendidas nesta investigação e resignificadas nesta narrativa cartográfica assumem, nos momentos finais deste jogo, uma saturação dos movimentos. A música anuncia o término, os instrumentos comunicam-se entre si pelos olhares dos capoeiristas na bateria que avisam uns aos outros o momento da interrupção.

Por vezes, chama-se os jogadores ao pé do berimbau para interromperem, outras vezes não, interrompe-se com o jogo correndo solto. É num “de repente” praticamente acordado entre todos ali dispostos, a roda fecha-se num sonoro iê, acentuado na vogal final. Fechamento numa imagem turbilhonar e não cíclica, de vetores emaranhados e

não subseqüentes e, de incompletas e inconclusas conexões. 

Notas

¹ A esquiva é o argumento central desta dissertação, representa dentro do vasto repertório da capoeira, um movimento de defesa, mas uma defesa situada num intermezzo entre defender-se e preparar-se para o próximo ataque. O corpo flexiona-se, ora suavemente, ora agressivamente, impulsionado pela vibração do arame do berimbau e pelo alcance do movimento disparado pelo outro capoeirista. Os limites entre ataque e defesa diluem-se compondo um campo de forças constantemente definido pelos componentes do risco, da eminência de algo por vir e da ruptura. Este texto expõe estritamente as ferramentas adotadas na construção metodológica do trabalho, para acessar o trabalho na íntegra consultar: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/?menu=8&conteudo=73&submenu=23>>. (FONSECA, 2007)

² Siglas das principais instituições analisadas nesta investigação: CECA: sigla do Centro Esportivo de Capoeira Angola, a academia coordenada por Mestre Doutor João Pequeno de Pastinha; e GCAP: sigla do Grupo de Capoeira Angola do Pelourinho, coordenado por Mestre Moraes. Referem-se a duas escolas de capoeira cujas trajetórias no Forte serão abordadas detalhadamente ao longo deste trabalho. Por ora, basta sabermos que se trata de duas instituições absolutamente centrais no mundo da capoeira e mais pontualmente, no referido Forte.

HANNAH ARENDT: O termo público denota dois fenômenos intimamente correlatos, mas não perfeitamente idênticos. Significa em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de

mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública. A mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias e, de modo geral, na transposição artística

de experiências individuais. [...] No entanto, há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença de outros no mundo público; neste, só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente assunto privado.

de de
empr
gratific
sua p
i, a p
reservada a individualidade, era
o único lugar em que os homens
podiam mostrar quem realmente é
essencialmente eram.
HANNAH ARENDT: Condições muito
simpliciter a associação direta entre
esfera pública e as coisas, pois
se o momento de não ser
conhecido não tem nenhuma
correspondência com o ambiente
entre discurso e escuta real.
HANNAH ARENDT: O termo público
denota dois fenômenos intimamente
correlatos, mas não perfeitamente
idênticos. Significa em primeiro
lugar, que tudo o que vem a
público pode ser visto e ouvido
por todos e tem a maior divulgação
possível. Para nós, a aparência –
aquilo que é visto e ouvido pelos
outros e por nós mesmos – constitui
a realidade. Em comparação com
a realidade que decorre do fato de
mesmo as maiores forças da vida
íntima – as paixões do coração,
os pensamentos da mente, os
deleites dos sentidos – vivem uma
espécie de existência incerta e
obscura, a não ser que, e até que,
sejam transformadas, desprivatizadas
e desindividualizadas, por assim
dizer, de modo a se tornarem
adequadas à aparição pública. A
mais comum dessas transformações
ocorre na narração de histórias e,
de modo geral, na transposição
artística de experiências individuais.
[...] No entanto, há muitas coisas
que não podem suportar a luz
implacável e crua da constante
presença de outros no mundo
público; neste, só é tolerado o que
é tido como relevante, digno de
ser visto ou ouvido, de sorte que
o irrelevante se torna automaticamente
assunto privado.

³No trajeto Pelourinho > Carmo, deparei-me com uma montagem cenográfica composta por duas imagens construídas com os apetrechos do capoeirista e da baiana de acarajé. Junto do primeiro, vê-se um berimbau, sem afinação ou sonoridade capaz de provocar o jogo e uma peruca com um volumoso cabelo rastafári preto; em frente à segunda há um tabuleiro, que nada tem para ser experimentado, sequer está envolvida pelo cheiro do óleo de dendê. Tal aparição foi problematizada a partir da relação imagem x espetáculo (DEBORD, 1997) x produção de territórios urbanos na contemporaneidade.

⁴Volta do mundo é um movimento da capoeira definido pelo movimento circular dos capoeiristas, cuja atenção, movimentos, braços, balanço direcionam-se para o centro da roda, caminham em círculo na cadência da bateria, como se estivessem se perseguindo e de repente invertem a direção do caminhar, inscrevendo no círculo duas direções opostas. Este movimento é acionado em diversos momentos, seja pela desvantagem de um jogador em relação ao seu adversário, seja pelo êxtase de um golpe certo, pela intenção de retomar a atenção e do autocentramento, mas sobretudo pelo ímpeto de desestabilizar um certo andamento e vantagem de um jogador sobre o outro e inverter o destino do jogo.

DELEUZE, Gilles GUATTARI, Felix. **Mil Platôs, Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. v. 2.

DELEUZE, Gilles. *¿Que és un dispositivo?* In: BALBIER, E. **Michel Foucault, filósofo**. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S.. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FONSECA, Carolina. **Esquivas entre o Forte da Capoeira e o Forte do Santo Antônio Além do Carmo: umas cartografia sobre resistência e espetáculo em Salvador**. 2009. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Urbanismo, da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

SALOMÃO, Wally. **Gigolô de bibelôs**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ADALBERTO VILELA: No espaço da internet, na rede, ou dispositivo como Fernando sugeriu, a **escuta** é a possibilidade de escolher os caminhos, de entrar e sair dos lugares onde as pessoas disponibilizam a informação.

THAIS PORTELA: O lugar do discurso na *polis* era fundamental, o lugar da fala, mas principalmente o da escuta. Quando algum cidadão assumia o lugar da fala e não se afirmava efetivamente enquanto uma individualidade que merecesse a escuta, os demais tampavam os ouvidos para não escutá-lo. E neste sentido, questiono a aproximação das redes sociais com a esfera

pública de Arendt (referenciada na experiência grega), pois, neste dispositivo não há escuta, todos falam ao mesmo tempo. Não dá pra escutar todo mundo. É uma mudança de escala, a palavra tinha que ser ouvida no mundo grego.